

Agroecologia e Feminismos: uma reflexão necessária

Maria Sueli Heberle Mafra¹⁷
Maria Odete da Costa¹⁸

RESUMO

Apresentação feita na roda de conversa Agroecologia e Feminismos: uma reflexão necessária, realizada no X Seminário Catarinense de Agroecologia, no Centro Agroveterinário - UDESC/Lages em maio de 2022. O momento foi marcado pela presença forte de representantes femininas da etnia negra e do Movimento das Mulheres Camponesas, as representantes da etnia indígena enfrentaram um contratempo e não puderam estar presentes, mas enviaram um depoimento gravado. O diálogo se desenvolveu a partir dos históricos de luta e das conquistas até o momento empreendidas.

Palavras-chaves: Feminismo, Agroecologia, Movimento, Empoderamento.

Introdução

A Agroecologia além de promover sistemas agroalimentares saudáveis do ponto de vista social, econômico e ambiental, também busca uma sociedade pautada na democracia, solidariedade, diversidade, pluralidade e inclusão.

Atendendo aos pressupostos dos princípios fundamentais da agroecologia: a promoção da biodiversidade, da justiça social,

¹⁷ Doutora em Ciência do solo; Especialista em Agroecologia.

¹⁸ Coordenadora da Pastoral Afrobrasileira da Diocese de Lages Conselheira do Conselho Municipal da Promoção de Igualdade Racial do Município de Lages; Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Estudos Étnicos Raciais pela Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC.

do uso racional dos recursos naturais e da valorização do conhecimento tradicional, um dos temas debatido no X Seminário Catarinense de Agroecologia foi sobre “Feminismo e Agroecologia”. Neste sentido, foram convidadas representantes de mulheres negras, indígenas e do movimento das mulheres camponesas para compor a roda de diálogo sobre o papel social, econômico e ecológico no panorama rural.

Cada representante trouxe o depoimento e as experiências a partir do seu grupo sociocultural, traçando um histórico do papel feminino no campo social, econômico e ambiental, que contou com a participação ativa dos participantes. Nesse texto apresentamos uma síntese dos relatos apresentados na roda de conversa.

1. Mulher Negra: ancestralidade e bússola orientadora

A gente é criada para ser assim, mas temos que mudar. Precisamos ser criadas para a Liberdade. O mundo é grande demais para não sermos quem a gente é. (ELZA SOARES, 2016).

Segundo o IBGE o Brasil foi o país que mais traficou africanos, para que aqui fossem escravizados. Entre os séculos XVI e XIX, vieram cerca de 4 milhões de mulheres, homens e crianças. Esse povo foi trazido para cá, única e exclusivamente para trabalhar na condição de mão-de-obra escrava; e desse modo produzir riquezas para os senhores de engenho.

Segundo o escritor Laurentino Gomes (2019), a escravidão brasileira é uma chaga

difícil de fechar. Assim como é difícil de falar da escravidão sem sentir a indesejável dor... Sobretudo os afro-brasileiros, de modo especial as mulheres. Há quem diga que o movimento negro se fundou numa cultura de ressentimento. Pois bem, eu digo, que não são as pessoas negras ou o movimento que nos colocam ressentimentos, mas a força da própria escravidão que aparelhou o sistema de tal modo que o racismo está estruturado em todas as esferas, e desse modo alijando os negros do processo, de desenvolvimento. Portanto o racismo e a exclusão social estão presentes na vida da comunidade negra, do nascer ao pôr do sol.

O racismo está presente: nas escolas, nas igrejas, no trabalho, no transporte coletivo, na vida como um todo! A nos dizer: “Você foi por nós escravizado portanto, não esqueça que têm coisas que você pôde, mas tem muitas outras coisas que você não pode, por isso mantenha-se à distância”. A história da escravidão se encontra no olhar do branco para o negro, e do negro para o branco, em um ambiente apertado ou em uma calçada estreita: O olhar do branco diz para o negro: aqui não é teu lugar; o olhar do negro diz para o branco: até quando você vai me olhar desse jeito, tão excludente? Você não conhece a história? Não sabe que foi eu quem construiu esta nação? Ele sabe! Mas finge não saber porque lhes é conveniente.

No meio do caminho tinha uma discriminação, tinha uma discriminação no meio do caminho. (GUIMARÃES; 2010).

Nos dias atuais, os negros continuam a produzir para o sistema capitalista sem receber nada em troca. O que atrai turistas para o Brasil, em boa medida, é a cultura negra; Começando pelo carnaval, as escolas de samba, as próprias favelas nos grandes centros urbanos, onde os turistas querem saber que “gente” é essa que vive tão

precariedade? Isso deve ser divertido! E lá vai o guia turístico transportando os turistas estrangeiros vindos de diversos lugares do mundo. Sem se importar com a privacidade das pessoas que ali vivem; no único lugar que lhes sobrou. É nesse lugar onde ninguém quer morar, que as pessoas tentam construir suas vidas com dignidade. Mesmo assim são explorados por um sistema que lucra a qualquer preço.

Nós sabemos quem somos, e o que já fizemos para o bem de todos. As mulheres negras sempre tiveram papel de relevância na história, transformando a dor em competência, mesmo nos momentos mais difíceis da vida, nunca abandonou a felicidade, nunca deixou de esperar... Com inteligência e vivência, atender os apelos do momento, criando e recriando a vida, em meio a tantas necessidades não atendidas.

Movida pela ancestralidade desde sempre, soube habitar a casa comum, amando e respeitando-a integralmente. Respeitar a natureza nas religiões de matriz africana significa respeitar o Criador, respeitar Oxalá; que em outras denominações significa Deus. Parte da conservação do meio ambiente, principalmente as águas e florestas deve-se a essas valorosas mulheres, verdadeiras guardiãs da mãe natureza!

O universo desenvolve-se em Deus, que o preenche completamente. E, portanto, há um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre. O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-Lo em todas as coisas, como ensinava São Boaventura: “A contemplação é tanto mais elevada quanto mais o homem sente em si mesmo o efeito da graça divina ou quanto mais sabe reconhecer Deus nas outras criaturas”. (PAPA FRANCISCO, 2015)

A trajetória das mulheres negras no Brasil é repleta de lutas, de amor, de sonhos e realizações. Se fossemos aqui elencar as que mais se destacaram no passado e no tempo presente, teríamos que editar um livro. Por isso destacamos uma catarinense denominada Antonieta de Barros.

Antonieta de Barros nasceu em Florianópolis SC, em 11 de julho de 1901, professora, oradora, jornalista, escritora e militante com atuação na Liga do Magistério. Em 1934 ingressou na política através do Partido Liberal Catarinense, sendo a primeira mulher de seu estado a se eleger para uma cadeira na Assembléia Legislativa. Enquanto presidiu trabalhos no Congresso Legislativo dedicou-se a propostas relacionadas ao magistério, entre elas a que instituiu o dia 15 de Outubro como o Dia do Professor.

Essa passagem tormentosa a que chamamos de vida, nem todos a vivem. Criaturas há que passam anônimas, deixando que os dias se exbatam [sic] indiferentemente, sem que deles lhes ficar a dolorosa lembrança de uma lágrima ou a saudade de uma alegria fugaz[...]. A vida, só é vivida, quando há esforço, para as conquistas superiores; quando percebendo sua finalidade, se é enamorado de perfeição, quando no caminho percorrido se deixa sinais de esforço, para vencer a luta, constantemente e defensiva, travada do bem que se disseminou. Só vivem os que lutam, pois o viver é constante lutar. (Antonieta de Barros, 1934, apud GUIMARÃES, 2010)

2. Terras indígenas e agroecologia

Segundo a FUNASA (2005), as classes sociais que mais sofrem com a insegurança alimentar no Brasil são as minorias sociais, como os quilombolas, catadores de recicláveis, moradores de rua e os indígenas (AZEVEDO et al., 2009). Dados do Instituto de Estudos Socioeconômicos, apresentados através do Mapa da Fome, mostram

expressivo estado de pobreza e insegurança alimentar dos povos indígenas. Esses dados foram comprovados pelo 1º Inquérito Nacional de Saúde dos Povos Indígenas, até mesmo dos que se encontravam em terras homologadas pelo Estado (VERDUM, 2003 Apud ARAÚJO; KUBO, 2017).

Na reserva indígena situada na abrangência dos municípios de José Boiteux, Vitor Meireles, Itaiópolis e Doutor Pedrinho existe uma população aproximada de 3000 pessoas em 9 comunidades de diferentes etnias como Tupi Guarani, Xokeng e Koplan, entre outras.

Em visita às aldeias pelo grupo Empatia, uma organização informal de simpatizantes pelas causas ambientais e sociais, observou-se que esta população tem enfrentado muitos problemas relacionados à perda de diversidade alimentar, ocasionado entre outros fatores pelo fato de que as áreas não são mais suficientes para a subsistência das famílias, sendo que muitos adultos buscam empregos nas cidades próximas.

As práticas agrícolas presentes não atendem às demandas por alimentos de qualidade e diversidade, sendo que poucas famílias mantêm horta e pomar de frutas.

Em reunião com vários caciques, estes manifestaram interesse em re-aprender práticas culturais ancestrais e agroecológicas e buscar sementes crioulas como base de uma alimentação mais saudável aumentando a segurança alimentar das populações. Nos relatos observou-se que práticas de agricultura convencional como o uso de plantas transgênicas e uso de agrotóxicos tem sido comuns na reserva. Além disso, observou-se o consumo de alimentos altamente processados e de baixo valor nutricional, gerando em longo prazo, uma situação de perda da segurança e soberania alimentar e de identidade do ponto de vista cultural.

A segurança alimentar e nutricional dos povos indígenas está ligada a seus hábitos

alimentares tradicionais, uma vez que esses compõem sua cultura. Os indígenas experimentam transformações decorrentes de intervenções externas e adaptam-se conforme as eventualidades impostas às suas famílias.

Vários fatores externos contribuíram para a necessidade de readequação dos modos e costumes alimentares por essas populações, uma delas sendo o consumo de alimentos industrializados oferecidos por meio de políticas públicas de fomento à segurança alimentar e nutricional indígena (PEREIRA, 2010 apud ALVES, 2016).

Nesta questão talvez tenhamos que nos questionar sobre a necessidade de implementar políticas não só de segurança alimentar, mas de soberania alimentar, do resgate dentro das aldeias do uso de alimentos tradicionais e disponíveis no local, nos próprios quintais com programas educativos para sua produção local (ALVES, 2020).

3. Movimento das Mulheres Camponesas e Agroecologia

A história de luta e organização das mulheres camponesas se construiu e se fortaleceu junto com a história da humanidade. Muitas iniciativas envolvendo algumas mulheres aconteceram para quebrar preconceitos e violências nas próprias casas, nas lutas sociais fora de casa nas instâncias políticas mais próximas. Algumas destas lutas deram origem a movimentos e entidades feministas de grande contribuição para o avanço da emancipação das mulheres (MMC 2022a).

Nos anos da década de 1980 se consolidaram diferentes movimentos de mulheres nos estados, em sintonia com o surgimento de vários movimentos do campo. As trabalhadoras rurais construíram a sua própria organização, motivadas pela bandeira do reconhecimento e valorização das trabalhadoras rurais, desencadearam lutas como: a libertação da mulher, sindicalização,

documentação, direitos previdenciários, como salário maternidade e aposentadoria, participação política, entre outras lutas.

Betto e Piccin (2017) relatam que o Movimento de Mulheres Camponesas recebe um caráter feminista pela primeira vez na 10ª Assembléia Estadual do MMC/SC (2007): “O MMC tem como princípios: ser um movimento de luta, autônomo, feminista, camponês, classista e socialista”. No entanto, entende que foi apenas na 11ª Assembléia Estadual do MMC/SC (2010) que as mulheres assumem oficialmente que o movimento tem um caráter feminista, momento em que as discussões foram realizadas com base no tema identidade camponesa e feminista (MMC, 2022b).

O Feminismo Camponês Popular é uma experiência concreta de luta, resistência aos ataques imperialistas contra os povos e é uma proposta de mudança estrutural da sociedade. Desta forma, o feminismo se constrói tanto nas bases como nas instâncias nacionais e internacionais, tem a força da diversidade do campesinato latinoamericano, resiste a partir da construção da agroecologia, da luta por soberania alimentar, por uma seguridade social, que inclua saúde, previdência, assistência pública, universal e solidária, na defesa dos territórios, dos corpos e no enfrentamento a todas as formas de violência sofrida pelas mulheres. É um feminismo que tem suas energias geradas nas propostas dessas mulheres construídas na luta por uma sociedade sem desigualdades (MMC, 2022a).

Para os autores Betto e Piccin (2017), é preciso reafirmar a identidade camponesa e feminista e articular com o projeto de agricultura em construção remontando ao sentido que se atribui ao papel da mulher para a soberania alimentar, pois a produção de alimentos é entendida pelas militantes como uma responsabilidade da mulher a partir de uma resignificação, pois busca valorizar e atribuir importância a uma atividade comumente feminina, mas que historicamente

foi atribuída como extensão do papel enquanto mulher/mãe ou ajuda, não enquanto trabalho.

Hoje esse feminismo se apresenta como sistematização de muitos processos vivenciados pelas mulheres camponesas, indígenas e negras de todo o mundo, é fruto do encontro das histórias de muitas mulheres das várias organizações que compõem o movimento por direito de reconhecimento da identidade feminina.

4. Encerrando o diálogo

Enfim, o fechamento do diálogo se deu com a fala de várias pessoas se colocando como testemunhos e atores da luta das mulheres para a sua emancipação social e política. Com destaque, a participação da militante e ex-deputada Luci Choinacki que teceu um histórico de lutas e conquistas travadas com os diferentes movimentos sociais, sempre com a participação expressiva e necessária das guerreiras agricultoras, mulheres fortes, forjadas pelo trabalho duro e muitas vezes forçado. É esta mulher que quando consegue entrar em cena, ganha espaço e mostra toda a sua força e resistência. No relato da Militante Luci, o reconhecimento profissional como agricultoras, a aprovação da aposentadoria e do salário maternidade da mulher agricultora significou uma libertação para muitas mulheres que eram dependentes dos seus maridos. A conquista profissional também possibilitou à mulher empreender e utilizar o crédito rural. Para a Agricultora Luana Rockenbach, grande lutadora das causas LGBTQI+ e exemplo de produtora agroecológica, um grande desafio ainda a ser vencido no meio rural é o reconhecimento e a inclusão social, especialmente, a questão de gênero ainda é um assunto delicado. A acolhida das diferentes feições do feminismo rural foi um momento muito gratificante durante o X Seminário Catarinense de Agroecologia.

Referências

- ALVES, J. C. Ka'a Kuéraha Yvakuera Oje'úva - **Quintais Agroflorestais Na Reserva Te'yikuê** Em Caarapó, Mato Grosso Do Sul: Segurança Alimentar Às Famílias Indígenas. 2016. 50 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Agricultura Orgânica, Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/1563/2/2016%20-%20Jerusa%20Cariaga%20Alves.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.
- ARAÚJO, M. L. L.; KUBO, R. R. **Segurança Alimentar e Nutricional e Povos Indígenas Aquisição de Alimentos (PAA):** a experiência dos ashaninkas do alto rio Envira com o programa de aquisição de alimentos (PAA). Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, v. 38, n. 132, p. 195-210, 2017.
- ANDRADE, R. A. O. de; FERREIRA, C. A. F. C.; Schmitz, J. G. Food and Nutrition Security of Indigenous Peoples in Brazil: Review and Contextualization of the Phenomenon. **Rev. FSA**, Teresina, v. 19, n. 9, art. 4, p. 63-78, set. 2022. ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983 <http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.9.4>. Acesso nov. 2022.
- AZEVEDO, M. M et al. **Estudo do Conceito e Percepção de Segurança Alimentar e Nutricional entre os Guarani no Estado de São Paulo.** Núcleo de Estudos de População: NEPO - UNICAMP, São Paulo, p. 167-176, 2009. Disponível em: https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/cultura_alimentarcap17.pdf. Acesso em: 28 abr. 2020.
- BETTO, Janaina; PICCIN, Marcos Botton. Movimento de Mulheres Camponesas (MMC/SC) e o percurso de sua luta feminista », **Amerika**, n. 16, 2017. Disponível: <http://journals.openedition.org/amerika/8202> ; Acesso em: 21 nov. 2022.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional. Lei nº 11.346, de 15 de julho de 2006. Dispõe sobre

a criação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Casa Civil, Brasília, DF, 15/07/2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11346.htm. Acesso em: 29 abr. 2020.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**. SP: ed. Globo 2019.

GUIMARÃES, Maristela Abadia. **No meio do caminho tinha uma discriminação, tinha uma discriminação no meio do caminho: o potencial transformador das cotas raciais**. Cuiabá, UFMT: EdUFMT, 2010.

MMC - Movimento de Mulheres Camponesas - História. 2022a. Disponível em: Construção das Camponesas - MMC - Movimento de Mulheres Camponesas (mmcbrazil.org) acessado em: 22 nov. 2022.

MMC - Movimento de Mulheres Camponesas - Construção das Camponesas. 2022b. Disponível em: Construção das Camponesas - MMC - Movimento de Mulheres Camponesas (mmcbrazil.org) acessado em: 22 nov. 2022.

PAPA FRANCISCO. CARTA ENCÍCLICA **Laudato SI'** Sobre o Cuidado da Casa Comum - Roma: Vaticano. Documentos Pontifícios. 2015.

ROMÃO; Jeruse. **Antonieta de Barros**: Professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil. Fpolis Ed. Cais, 2021

SOARES, Elza. Entrevista. Elza Soares: já passou o tempo de sofrermos caladas. Está na hora de gritar. **Revista Época**. 08/03/2016. Entrevista concedida a Graziela Salomão e Luciana Borges.